

A IMPORTÂNCIA DA DIVULGAÇÃO DA MARINHA DO BRASIL

“São homens e mulheres que dedicam suas vidas para proteger o nosso país e contribuir para o desenvolvimento dele. Para fazer esse trabalho silencioso, fundamentalmente dedicado ao Brasil, o Marinheiro está presente em lugares e atividades que a maioria dos brasileiros sequer ouviu falar, zelando pelas nossas fronteiras marítimas na Amazônia Azul, levando assistência a populações carentes em locais distantes, acessíveis somente por barco, e promovendo, de forma pioneira, o desenvolvimento tecnológico em diversas áreas de atuação.

Determinado, profissional, competente e, antes de tudo, brasileiro.

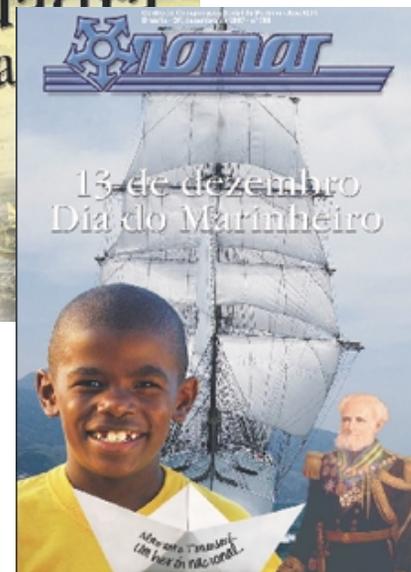
Isso é ser Marinheiro!” – Autor desconhecido.

Aspirante Carlos Eduardo Veras Batista Alvares

Mas, afinal, por que é tão importante divulgar a MB? Por que devemos divulgar idéias como cavalheirismo, por que mostrar uma educação exemplar, respeito, sentimento de honra e dignidade? Onde isso nos afeta? E de que forma sairemos beneficiados com tal divulgação? A análise das questões formuladas será realizada em tópicos.

Primeiramente, comecemos analisando o seguinte caso: a presença dos Fuzileiros Navais no Haiti (MINUSTASH) foi iniciada no dia 28 de maio de 2004, para garantir a segurança e as condições estáveis para o estabelecimento do processo político e constitucional. Essa missão inclui também um propósito nacionalista, pois o Brasil visa ganhar uma cadeira permanente no conselho da Organização das Nações Unidas (ONU).

Sem dúvida, a conquista do Brasil nessa área será de grande valia para a nação no aspecto econômico-político, porque aumentaremos o nosso prestígio e a nossa participação nas decisões internacionais. Por exemplo, podemos através de participação em decisões importantes conseguir um benefício comercial, aumentando nosso PIB, e, com mais recursos, aumentar os investimentos nas áreas de maior desigualdade social, de saúde pública, de educação e várias outras onde existe essa carência.



Dessa forma, se a participação na ONU vai trazer tantos benefícios, devemos almejar por tal posição! Todavia, a situação é complicada, visto que, de início, já encontramos resistência de certos países que não concordam com a nossa presença, como o México. Tal fato é evidenciado pelas políticas internacionais desse país. Mesmo considerando que os mexicanos estejam estabelecendo relações cada vez mais fortes com os EUA (cuja influência é enorme na organização), ainda está distante dos primeiros assumirem uma cadeira na ONU. E sabendo dessa sua possibilidade remota, querem também evitar isso para o Brasil. Entrando no Conselho de Segurança, nosso país tomaria força no contexto da América e, de acordo com o ponto de vista dos líderes mexicanos, iríamos minimizá-los e deixá-los para segundo plano.

É cabível um país, só por não se encontrar nas condições favoráveis para assumir um cargo ou posto internacional, utilizar-se de meios ou artifícios para eliminar as possibilidades de outro país? Podemos deixar isso acontecer? O Brasil é um país emergente com um enorme potencial para crescimento econômico e desenvolvimento. Temos uma vasta capacidade tecnológica e operativa e não podemos desperdiçar isso.

Outro aspecto que é importante ser analisado neste caso, discutido na palestra do mestre Francisco Carlos, professor de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no XV Encontro de Docentes realizado na Escola Naval, é o que vem acontecendo com as Forças Armadas nas últimas décadas. O fato de não participarmos de uma guerra há muitos anos contribuiu, de “certa forma”, negativamente. Na ocasião de tal conflito poderíamos, saindo vitoriosos, aumentar o nosso prestígio perante a população em geral, a famosa máxima de se aproveitar do fato histórico para tirar proveito próprio. A ausência de conflitos mais diretos, onde os militares exercem de forma mais que evidente seu papel indispensável, fez que se instalasse aos poucos na mente do povo brasileiro a idéia de nossa “função de defesa” (a única conhecida por



eles) não ser importante. Muitos acreditam ainda que somos meramente mais um aparelho oneroso ao Estado. É triste ver inclusive muitos de nossos congressistas com esse pensamento. Eles, sem dúvida, desconhecem nosso papel, não conhecem a MB e as atividades que ela desempenha, não conhecem o nosso país nem tampouco os problemas pelos quais ele passa. É incrível como mesmo com mais de 95% do nosso comércio exterior sendo realizado pelo mar ainda tenhamos uma mentalidade marítima tão fraca.

Ao longo dos anos a situação se tornou ainda mais grave. Além de ter se “perdido” a importância indiscutível dos representantes das armas, iniciou-se paralelamente um processo de decadência estatal e de descrédito de suas instituições. Hoje já se discute nas assembleias e nos próprios jornais o interesse em levar as forças armadas para as ruas, a fim de patrulhar o calçadão das praias e ações ostensivas para combater o narcotráfico, papéis que deveriam ser desempenhados pelas forças policiais (civil, militar e federal), já que tais órgãos recebem verba e tem destinação constitucional específica para este fim. Infelizmente, como podemos comprovar diariamente, eles têm dificuldade em cumprir suas tarefas.

Todavia, é importante acrescentar o seguinte: em meio a tantos dados catastróficos existem pontos positivos. Pesquisas analisaram o grau de confiança que o cidadão tem nas instituições de seu país. Os destaques positivos aí presentes são as Forças Armadas, a Igreja e a mídia. Essas instituições

representam para o cidadão um escape para as ondas de corrupção que estão em vigor. O povo brasileiro nos respeita.

Fomos, somos e seremos sempre motivo de orgulho para o Brasil, embora muitos cidadãos não reconheçam nosso trabalho e alguns nem sequer saibam o que fazemos. Porém, para nos dignificarmos ainda mais, não realizamos trabalho esperando reconhecimento, simplesmente a atitude moralmente correta (KATÉKON) é o nosso traço.

Os navios Carlos Chagas, Dr. Montenegro e Oswaldo Cruz são mais um exemplo disso; são a tradução perfeita para heroísmo e para trabalho desinteressado de recompensas. Eles são chamados os “Navios da Esperança”. Tais navios realizam no 9º Distrito Naval, na Amazônia, trabalho de assistência médica e hospitalar às populações

daquela região e, mais do que isso, papel de levar o Brasil aos brasileiros dos recantos mais distantes, profundos e desconhecidos do nosso território. É o altruísmo da MB.

Os militares desses navios lutam também com dificuldades climatológicas da peculiar região e de conforto do navio e, às vezes, passam meses navegando pelos rios e afluentes do Amazonas. Mas eles demonstram, em entrevista, a satisfação em realizar esse trabalho, porque percebem o quanto essa gente fica feliz em se sentir tocada por essa mão da Marinha, que chega como uma benção.

Sem dúvida, essas populações ribeirinhas passam por dificuldades de toda natureza. Enquanto alguns não conseguem perceber tais vicissitudes, porque cresceram com relativo conforto oferecido pela sociedade moderna ou por situação econômica vantajada, naquela região, inúmeras pessoas morrem constantemente por doenças, hoje, consideravelmente simples. É dramática a situação vivenciada por mães que presenciam seus filhos nesses casos. Elas não sabem a razão e nem podem fazer nada. Já quando a MB chega a esses lugares e consegue salvar vidas, a emoção e a sensação que elas sentem é de milagre. E muitas vezes, o problema é um simples cuidado com a água, uma orientação sexual, ou uma conversa que acalma um coração aflito. Tudo isso faz a diferença!

É muito importante que cada um faça o seu papel. Nós militares, praças e oficiais, do mais moderno ao mais antigo, devemos fazer “o nosso”!

A cada dia surge uma nova oportunidade de sermos úteis, afinal, somos multifuncionais. Claros exemplos históricos, mais uma vez, comprovam o citado acima. Em um primeiro momento os militares da turma Alte Guilhem (CN-2003) tiveram um desempenho exemplar no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), mas nem todos haviam feito esse exame, o que levou tal resultado a não ser computado na classificação geral das escolas com melhores desempenhos. Todavia, no ano seguinte, os combatentes guerreiros da turma Alte Frontin (CN-2004) obtiveram, com a maioria de sua turma e com número



considerável, um desempenho espetacular, conseguindo que o Colégio Naval fosse o primeiro colocado entre as escolas públicas do Brasil. Essa realização trouxe vários benefícios, dentre os quais o aumento da credibilidade do CN e a conseqüente ampliação do seu respeito, mostrando que somos bons, que somos um patrimônio do nosso Brasil. Assim, contribuimos para que não só a MB voltasse ainda mais seus olhos para nós, mas também para que autoridades civis passassem a nos ver de forma diferente. Existe algo melhor do que isso?

Indubitavelmente, é necessária uma maior compreensão por parte dos civis, da importância não só defensiva mas estratégica dos militares na consolidação e consecução dos objetivos nacionais. Quando isso ocorrer, quando dentro de cada coração pátrio existir a ciência do nosso vigor moral e balizador do país, o Brasil estará em grandes avanços e em uma posição melhor do que se encontra atualmente, na questão ética e de princípios dignos.

A contribuição da parceria com a sociedade é extremamente importante para a construção de uma integração entre militares e civis. Na Academia Naval de Annapolis, os ex-alunos ajudam significativamente, sob a forma de doação de verbas, visando a consecução dos objetivos dessa escola. Isto tudo porque essa sociedade acredita e compreende a importância dos militares.

Mas como a população americana adquiriu tal entendimento? E como levar esse entendimento à nossa população brasileira? Considero, claramente, que tal função é nossa. Nós, como militares da Marinha do Brasil, devemos difundir as idéias de prosperidade,

honra, sentimento de orgulho, de pertencimento e de dever, pois esta é a melhor forma para que as coisas funcionem bem e sejam bem cumpridas. Devemos, ainda, mostrar que somos por excelência educados, tudo para mostrar que na nossa instituição as coisas acontecem de maneira diferente, devido aos valores que mantemos vivos, valores que são imprescindíveis a qualquer sociedade que visa o progresso e a harmonia de seus indivíduos, valores estes que se encontram em falta no mundo pós-moderno.

Devemos ter ciência de que o sucesso dos objetivos de nossa instituição depende de nós, que pertencemos a ela, que o mais simples pilar de uma construção, se não estiver fortemente sustentado, pode levar ao desmoronamento da mesma (nós, juntamente com nossos valores, somos o pilar de nossa instituição). Cada um tem a sua importância na construção do todo, segundo a sua capacidade individual. Não podemos esquecer também que na nossa condição de seres inteligentes devemos aproveitar os momentos oportunos para difundir os nossos valores, da maneira que convém à nossa instituição para, dessa forma, nos fazermos acreditados naquilo que somos.

Raras são as instituições que podem se orgulhar do que são. Hoje, somos o resultado da incessante labuta dos que nos antecederam, daqueles Marinheiros que “nada tiveram e tudo fizeram” e que, a partir de suas utopias e da firme determinação de realizá-las, construíram esta sólida instituição, percorrendo extraordinária saga que nos deve inspirar toda a vez que nos sentirmos impotentes diante das vicissitudes que a conjuntura teima em nos apresentar. Aos marinheiros de sempre, nosso eterno preto de gratidão.